

Uma pedra sobre o negacionismo ao redor das adulterações das obras de Allan Kardec

Vamos colocar uma pedra sobre o negacionismo ao redor das adulterações das obras de Allan Kardec, demonstrando que são fatos inegáveis, senão pelos orgulhosos obstinados.

O desvio da Federação Espírita Brasileira: como o roustainguismo afastou do Espiritismo o Movimento Espírita

A Federação Espírita Brasileira é uma instituição roustainguista que formou um Movimento Espírita que contraria o Espiritismo. Entenda.

Projeto Semear — Formação de Grupos de Estudos

O Projeto Semear visa fomentar a criação a criação de grupos de estudos de Espiritismo sobre, necessariamente, as obras de Allan Kardec

A mais dura comunicação mediúnica recebida por Kardec: Plano de campanha contra o Espiritismo

No dia 10 de novembro de 1867, pelo médium Sr. T..., Kardec recebeu uma comunicação muito séria, a respeito do papel dos inimigos na luta contra o Espiritismo

O livro A Gênese, de Allan Kardec, foi mesmo adulterado?

O livro A Gênese foi adulterado, mas, usando de subterfúgios, algumas pessoas tentam direcionar as opiniões, sem trazer à mesa todos os fatos.

O canal Mesa Girante e as adulterações em O Céu e o Inferno

Recentemente o canal Mesa Girante, no Youtube, produziu um vídeo onde o autor trata de, debochadamente, tentar invalidar a importância da obra por supostas precipitações de Paulo Henrique ao tratar do tema, no vídeo.

A mais forte evidência de adulteração de O Céu e o Inferno, de Allan Kardec

São fatos jurídicos incontestes as adulterações de A Gênese e O Céu e o Inferno, pela mera questão de terem sido lançadas edições, com alterações, após a morte do autor e sem o depósito legal - assim afirmam ao menos quatro operadores jurídicos especializados: **Simoni Privato, Júlio Nogueira, Lucas Sampaio e Marcelo Henrique**. Esse fato legal está acima de qualquer cogitação e, por conta disso, federações espíritas de outros países, em respeito à lei, voltaram à terceira edição da obra. Infelizmente, a Federação Espírita Brasileira, tendo muito a recapitular ao tomar essa atitude (já que os textos original de O Céu e o Inferno e A Gênese contraditam uma infinidade de erros que povoam a generalidade das publicações por ela editadas e impressas) ainda reluta contra esses fatos, baseando-se em argumentações de leigos em matéria de direito autoral.

Além do fato jurídico e do necessário respeito à lei, pelo estudo, acabamos de identificar mais uma evidência, talvez a mais determinante de todas, da adulteração de O Céu e o Inferno, obra de Allan Kardec, justamente na parte que exprimia a filosofia doutrinária em sua mais clara e pura face.

Em O Livro dos Espíritos, Kardec trata da questão dos Espíritos que escolheram sempre o caminho do bem (tratamos disso também no artigo "[Reforma Íntima e Espiritismo](#)“:

Existem Espíritos que sempre escolheram o caminho do bem

121. Por que é que alguns Espíritos seguiram o caminho do bem e outros o do mal?

“Não têm eles o livre-arbítrio? Deus não criou Espíritos maus; criou-os simples e ignorantes, isto é, tendo tanta aptidão para o bem quanta para o mal. Os que são maus, assim se tornaram por vontade própria.”

133. *Têm necessidade de encarnação os Espíritos que **desde o princípio seguiram o caminho do bem?***

“Todos são criados simples e ignorantes e se instruem nas lutas e tribulações da vida corporal. Deus, que é justo, não podia fazer felizes a uns, sem fadigas e trabalhos, conseqüentemente sem mérito.”

a) — *Mas, então, de que serve aos Espíritos terem seguido o caminho do bem, se isso não os isenta dos sofrimentos da vida corporal?*

*“**Chegam mais depressa ao fim.** Ademais, as aflições da vida são muitas vezes a consequência da imperfeição do Espírito. Quanto menos imperfeições, tanto menos tormentos. Aquele que não é invejoso, nem ciumento, nem avaro, nem ambicioso, não sofrerá as torturas que se originam desses defeitos.”*

O Livro dos Espíritos. Grifos nossos.

Confirmados pelos Espíritos, existem aqueles que sempre escolheram o caminho do bem, **o que não os livra da necessidade de encarnar, para seu desenvolvimento.** Assim, não têm o que expiar, dado que a expiação é a escolha consciente de provas e oportunidades que lhes ajudem a desapegar de **imperfeições conscientemente adquiridas** (lembrando que errar, meramente, não é adquirir imperfeições, desde que o erro seja superado pelo aprendizado. O que gera imperfeições é a repetição consciente do erro).

Além disso, é mais que lógico que aquele que tenha superado, através da expiação, uma imperfeição adquirida, não tem mais o que expiar, exceto caso desenvolva novas imperfeições. Ainda assim, ele pode necessitar nascer em um planeta como a Terra, simplesmente porque suas necessidades atuais demandam ou porque escolha encarnar em missão. O próprio Jesus Cristo é o exemplo máximo desse último caso e, mesmo sendo um Espírito puro, ainda assim enfrentou as vicissitudes da matéria, sem ter nada o que expiar. Vejam aonde leva a admissão dessas falsas ideias: ao dogma de Espíritos criados à parte e que nunca estiveram, em realidade, entre nós (um dogma sustentado por Roustaing)!

Forte evidência da adulteração de O Céu e O Inferno

E aqui chegamos à **mais forte evidência da adulteração de O Céu e O Inferno**, que, na edição lançada após a morte de Kardec, introduziu dois itens no capítulo VIII (que se tornou capítulo VII):

9.º — Toda falta cometida, todo mal realizado, é uma dívida contraída que deve ser paga; se não o for numa existência, sê-lo-á na seguinte ou nas seguintes, porque todas as existências são solidárias umas das outras. Aquele que a quita na existência presente não terá de pagar uma segunda vez.

*10.º — O Espírito sofre a pena de suas imperfeições, seja no mundo espiritual, seja no mundo corporal. **Todas as misérias, todas as vicissitudes que suportamos na vida corporal são decorrentes de nossas imperfeições, expiações de faltas cometidas, seja na existência presente, seja nas precedentes.***

O Céu e o Inferno, quarta edição. FEB. Grifos meus.

Esses dois itens, repito, **não existiam na [terceira edição da obra](#), lançada e impressa por Kardec em vida**. Admitir que Kardec tenha incluído esses itens nessa edição, **em especial o item 10**, seria admitir que Kardec entrou em contradição com tudo o que havia desenvolvido até então.

Para dar suporte a essa falsa ideia, os seguintes parágrafos foram removidos na adulteração, no capítulo IX (antigo capítulo X):

Nos primeiros estágios de sua existência, os espíritos estão sujeitos à encarnação material, que é necessária ao seu desenvolvimento, até que tenham chegado a um certo grau. O número das encarnações é indeterminado, e subordina-se à rapidez do progresso, que ocorre na razão direta do trabalho e da boa vontade do espírito, que age sempre em função de seu livre-arbítrio. Aqueles que, por sua incúria, negligência, obstinação ou má vontade permanecem mais tempo nas classes inferiores, sofrem disso as consequências, e o hábito do mal dificulta-lhes a saída desse estado. Um dia, porém, cansam-se dessa existência penosa e dos sofrimentos daí decorrentes. É então que, ao

comparar sua situação à dos bons espíritos, compreendem que seu interesse está no bem, procurando então melhorar-se, mas o fazem por vontade própria, sem que a isso sejam forçados. Estão submetidos à lei do progresso por conta de sua aptidão a progredir, mas não o fazem contra a própria vontade. Fornece-lhes Deus incessantemente os meios de progredir, mas são livres para se aproveitarem destes ou não. Se o progresso fosse obrigatório, nenhum mérito os espíritos teriam, e Deus quer que tenham todos o mérito de suas obras, não privilegiando ninguém com o primeiro lugar, posto franqueado a todos, mas que o alcançam somente através dos próprios esforços. Os anjos mais elevados conquistaram sua posição percorrendo, como os demais, a rota comum. Todos, do topo à base, pertenceram ou pertencem ainda à humanidade.

Os homens são, assim, espíritos encarnados mais ou menos adiantados, e os espíritos são as almas dos homens que deixaram seu invólucro material. A vida espiritual é a vida normal do espírito. O corpo não é senão uma vestimenta temporária, apropriada às funções que devem exercer na Terra, tal como o guerreiro veste a armadura e a cota de malha para o momento do combate, delas despindo-se após a batalha, para eventualmente vesti-las de novo quando chegada a hora de uma nova luta. A vida corporal é o combate que os espíritos devem enfrentar para avançar, para o que se revestem dessa armadura que é para eles ao mesmo tempo um instrumento de ação, mas também um embaraço.

Ao encarnarem, os espíritos trazem suas qualidades inerentes. Os espíritos imperfeitos constituem, portanto, os homens imperfeitos; aqueles mais adiantados, bons, inteligentes, instruídos, são os homens instintivamente bons, inteligentes e aptos a adquirir com facilidade novos conhecimentos. Da mesma forma, os homens, ao morrer, fornecem ao mundo espiritual espíritos bons ou maus, adiantados ou atrasados. O mundo corporal e o mundo espiritual suprem-se assim constantemente um ao outro.

Entre os maus espíritos há os que têm toda a perversidade dos demônios, aos quais pode-se aplicar perfeitamente a imagem que se faz desses últimos. Quando encarnados, constituem os homens perversos e astuciosos que se comprazem no mal, parecendo criados para a desgraça de todos os que são atraídos para sua intimidade, e dos quais pode-se dizer – sem que isso constitua ofensa – que são demônios encarnados.

Tendo alcançado um certo grau de purificação, os espíritos recebem missões compatíveis com seu adiantamento, desempenhando dessa forma todas as funções atribuídas aos anjos de diferentes ordens. Como Deus criou desde sempre, também desde sempre houve espíritos suficientes para atender a todas as necessidades do governo do Universo. Uma só espécie de seres inteligentes, submetidos à lei do progresso, é, portanto, suficiente para tudo. Essa unidade na criação, juntamente à ideia de que todos têm uma mesma origem comum, o mesmo caminho para percorrer, e que se elevam todos por seu mérito próprio, corresponde muito melhor à justiça de Deus do que à criação de espécies diferentes, mais ou menos favorecidas por dons naturais, equivalentes a privilégios.

O Céu e o Inferno - Editora FEAL

Notem, também, o seguinte trecho de O Livro dos Espíritos (grifos meus):

*399. Sendo as **vicissitudes da vida corporal** expiação das faltas do passado e, ao mesmo tempo, provas com vistas ao futuro , seguir-se-á que da natureza de tais vicissitudes se possa inferir de que gênero foi a existência anterior ?*

*“ **Muito amiúde é isso possível** , pois que cada um é punido naquilo por onde pecou. **Entretanto, não há que tirar daí uma regra absoluta.** As tendências instintivas constituem indício mais seguro, visto que as provas por que passa o Espírito são determinadas tanto pelo que respeita ao passado, quanto pelo que toca ao futuro .”*

Isto aqui é muito importante. Kardec, em suas obras, vem sempre numa construção crescente, várias vezes repetindo aquilo que já era compreendido como fato da ciência espírita. Quando ele houvesse de contrariar um ponto, por uma correção de entendimento, ele era muito claro sobre isso. Eis que, “do nada”, Kardec teria contrariado a Doutrina para dizer o seguinte, fazendo regra:

*“Pela natureza dos sofrimentos e das vicissitudes suportadas **na vida corpórea** , pode-se julgar da natureza das faltas cometidas numa existência precedente, e das imperfeições que lhe são a causa.” (Allan Kardec, O Céu e o Inferno, 4a*

edição, adulterada).

Percebe que isso é incongruente com o entendimento de Kardec sobre o Espiritismo e com sua maneira de se portar? O mesmo ele teria feito no parágrafo anterior a esse, o que é impossível, já que, depois, ele voltaria a contrariar essas opiniões erradas, n'A Gênese. Isso é capital, pois essa ideia está diretamente ligada à influência roustainguista na adulteração dessa obra, no capítulo que é, basicamente, o cerne, a base da teoria moral espírita.

Mais evidências da ideia original

Apresento, a seguir, mais alguns trechos da obra de Kardec que evidenciam o verdadeiro entendimento sobre o assunto (**a encarnação não é resultado exclusivo da expiação**):

*“Segundo um sistema que tem algo de especioso à primeira vista, os Espíritos não teriam sido criados para se encarnarem e a encarnação não seria senão o resultado de sua falta. **Tal sistema cai pela mera consideração de que se nenhum Espírito tivesse falido, não haveria homens na Terra, nem em outros mundos.** Ora, como a presença do homem é necessária para o melhoramento material dos mundos; como ele concorre por sua inteligência e sua atividade para a obra geral, ele é uma das engrenagens essenciais da Criação. **Deus não podia subordinar a realização desta parte de sua obra à queda eventual de suas criaturas, a menos que contasse para tanto com um número sempre suficiente de culpados para fornecer operários aos mundos criados e por criar. O bom-senso repele tal ideia.**”*

KARDEC. Revista espírita — 1863 > junho > Do princípio da não-retrogradação do Espírito. Grifos nossos.

Nesse artigo, nesse trecho, Kardec está evidentemente refutando, de maneira firme, a mesma ideia transmitida nos Quatro Evangelhos de Roustaing (que somente seria lançado em 1865), de que a encarnação se daria apenas para expiação, isto é, quando o Espírito é “culpado”:

A ideia da encarnação como castigo, dissemos, é uma ideia totalmente ligada aos dogmas de Roustaing:

N. 59. *Que é o que devemos pensar da opinião que se formula assim: “Do mesmo modo que, para o Espírito em estado de formação, a materialização nos reinos mineral e vegetal e nas espécies intermediárias e igualmente a encarnação no reino animal e nas espécies intermediárias é uma necessidade e não um castigo resultante de falta cometida, também, para o Espírito formado, que já tem inteligência independente, consciência de suas faculdades, consciência e liberdade de seus atos, livre arbítrio e que se encontra no estado de inocência e ignorância, a encarnação, primeiro, em terras primitivas, depois, nos mundos inferiores e superiores, até que haja atingido a perfeição, é uma necessidade e não um castigo”?*

Não; a encarnação humana não é uma necessidade, é um castigo, já o dissemos. E o castigo não pode preceder a culpa.

O Espírito não é humanizado, também já o explicamos, antes que a primeira falta o tenha sujeitado à encarnação humana. Só então ele é preparado, como igualmente já o mostramos, para lhe sofrer as conseqüências.

ROUSTAIN, Jean B. Quatro Evangelhos, Tomo I

É fácil observar a semelhança dessa ideia com aquela introduzida na 4a edição de O Céu e o Inferno: a de que a encarnação somente se dá quando o Espírito é culpado de um erro anterior.

Continuemos com as evidências da ideia original de Kardec e da Doutrina:

132. Qual o objetivo da encarnação dos Espíritos?

“Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros, missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, têm que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal: nisso é que está a expiação [...]

O Livro dos Espíritos

Para uns, é expiação; para outros, missão. “Para alcançarem essa perfeição, têm que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal: **nisso é que está a expiação**“, ou seja, a expiação, tratada no meio religioso como um processo de

remissão de pecados pelos castigos divino, aqui, para o Espiritismo, é apenas o processo de aprendizado e de desenvolvimento do Espírito.

*Contudo, a fatalidade não é uma palavra vã. Existe na posição que o homem ocupa na Terra e nas funções que aí desempenha, em consequência do gênero de vida que **seu Espírito escolheu como prova, expiação ou missão**. Ele sofre fatalmente **todas as vicissitudes dessa existência** e todas as tendências boas ou más, que lhe são inerentes.*

O Livro dos Espíritos

O Espírito sofre as vicissitudes da existência escolhida pelo Espírito, **como prova, expiação ou missão**.

25. *É um castigo a encarnação e somente os Espíritos culpados estão sujeitos a sofrê-la?*

A passagem dos Espíritos pela vida corporal é necessária para que eles possam cumprir, por meio de uma ação material, os desígnios cuja execução Deus lhes confia. É-lhes necessária, a bem deles, visto que a atividade que são obrigados a exercer lhes auxilia o desenvolvimento da inteligência. Sendo soberanamente justo, Deus tem de distribuir tudo igualmente por todos os seus filhos; assim é que estabeleceu para todos o mesmo ponto de partida, a mesma aptidão, as mesmas obrigações a cumprir e a mesma liberdade de proceder. Qualquer privilégio seria uma preferência, uma injustiça. Mas, a encarnação, para todos os Espíritos, é apenas um estado transitório. É uma tarefa que Deus lhes impõe, quando iniciam a vida, como primeira experiência do uso que farão do livre-arbítrio. Os que desempenham com zelo essa tarefa transpõem rapidamente e menos penosamente os primeiros graus da iniciação e mais cedo gozam do fruto de seus labores. Os que, ao contrário, usam mal da liberdade que Deus lhes concede retardam a sua marcha e, tal seja a obstinação que demonstrem, podem prolongar indefinidamente a necessidade da reencarnação, caso em que ela se lhes torna um castigo. — S. Luís. (Paris, 1859.)

KARDEC. *O Evangelho segundo o Espiritismo* > Capítulo IV — Ninguém poderá

ver o reino de Deus se não nascer de novo > Instruções dos Espíritos. > Necessidades da encarnação. > 25. Grifos nossos.

Evidentemente, os Espíritos demonstram que a encarnação é necessária a todos, de maneira que, enquanto se desenvolvem, fazem sua parte na Criação.

*Os exemplos de castigos imediatos são menos raros do que se crê. Se se remontasse à fonte de todas as vicissitudes da vida, ver-se-ia aí, **quase sempre**, a consequência natural de alguma falta cometida. O homem recebe, a cada instante, terríveis lições das quais infelizmente bem pouco aproveita.*

Revista Espírita, 1864

Quase sempre as fontes de todas as vicissitudes da vida remontam à consequência natural de alguma falta cometida.

*[O homem de bem] Sabe que todas as vicissitudes da vida, todas as dores, todas as decepções, **são provas ou expiações**, e as aceita sem murmurar.*

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Todas as vicissitudes da vida são provas ou expiações. Prova: tudo aquilo que nos serve ao aprendizado, todas as dificuldades da vida. **Expição**: certos gêneros de provas, escolhidas para o exercício de desapego de uma imperfeição adquirida.

*“Esta pergunta dos discípulos “É o pecado deste homem a causa de nascer cego” indica a intuição de uma existência anterior. Caso contrário, não teria sentido, porque o pecado que seria a causa de uma enfermidade de nascença deveria ter sido cometido antes do nascimento e, por consequência, em uma existência anterior. Se Jesus tivesse visto aí uma ideia falsa ele teria dito: “Como esse homem teria podido pecar antes de estar entre nós?” Em lugar disso ele lhes disse que, se o homem é cego, não significa que tenha pecado, mas, a fim de que o poder de Deus brilhe nele; é como dizer que ele devia ser o instrumento de uma manifestação do poder de Deus. **Se isso não era uma expiação do passado, é uma prova de que devia servir a seu progresso**, porque Deus, que é justo, não poderia lhe impor um sofrimento sem compensação.”*

KARDEC, Allan. *A Gênese. 4a edição. "Cego de Nascimento". Grifos nossos.*

Nesse trecho, onde Kardec trata da cura da cegueira, feita por Jesus, ele faz a seguinte observação: **“Se isso não era uma expiação do passado, é uma prova de que devia servir a seu progresso”**. Ora, isso quer dizer que, para ele, e de acordo com o Espiritismo, as vicissitudes não se dão apenas como expiação, mas também como ferramenta de aprendizado. **Esse trecho consta inclusive da 5a edição de A Gênese** (a edição adulterada), e Kardec não pode ter se contradito em suas ideias em cada uma das obras. Esse não é o Kardec que conhecemos.

Motivo da adulteração

Todo aquele que está investigando o assunto seriamente, e que investigou também a [adulteração de A Gênese](#), perceberá algo em comum entre as duas adulterações: o princípio do dogma da encarnação como o resultado do castigo pelo pecado – dogma fortemente limitador e aprisionante, repercutido por Roustaing e ensinado pelos Espíritos mistificadores que com ele se comunicavam, através da médium Emilie Collignon. Contra a sua teoria, existe um simples detalhe: Jesus.

Jesus, o Espírito mais evoluído que já encarnou entre nós, não tinha nada a “pagar”, posto que era Espírito puro. Como resolver esse problema? Dizendo que Jesus não encarnou, mas que, em verdade, foi um *agênere*, isto é, um Espírito materializado, que simplesmente nos enganou ao longo de sua trajetória.

O ponto é que, em *O Céu e o Inferno*, foram removidas as ideias doutrinárias que demonstravam a encarnação como necessária a todos, bons e maus, e foi acrescentada a ideia de que tudo o que passamos é fruto de expiações de erros de vidas passadas (item 10, cap. 7, *Código Penal da Vida Futura*); já na adulteração de *A Gênese*, não por acaso, o item 67 do capítulo XV foi removido, e, como demonstra Henri Netto,

[...] a renumeração do item 68 como se fosse o 67, oculta a apreciação lógica (ainda que em termos de suposições) sobre o destino do envoltório corporal de Yeshua, após o seu sepultamento. Qual seria a razão de Kardec, depois de repelir a tese docetista (“corpo fluídico” de Jesus), e afirmar a sua natureza

humana, para suprimir suas judiciosas considerações acerca do tema?

NETTO, Henri. À procura da dúvida: onde está a verdade? Publicado no site Espiritismo com Kardec - ECK, em 24/12/2023. Disponível em comkardec.net.br/a-procura-da-duvida-onde-esta-a-verdade-por-henri-netto

Ou seja: em A Gênese, para dar suporte às adulterações de O Céu e o Inferno, atacou-se a ideia que demonstra, pelo exemplo inequívoco, que a encarnação não serve apenas para expiação (acrescentando-se aqui que *expiação* é o ato consciente da escolha de provas visando o retorno ao bem, para os Espíritos que, em minoria, escolheram o apego ao erro e, assim, desenvolveram imperfeições). Removeu-se uma ideia doutrinária, ainda que a [recomendação do Espírito](#), que se comunicou a Kardec sobre o assunto da nova edição, tenha sido de não remover absolutamente nada que fosse relacionado às ideias doutrinárias.

Conclusão

De duas, uma: ou Kardec fez essa alteração, ou ele não fez essa alteração. Se ele mesmo fez essa alteração, então contradisse todo seu entendimento anterior e, além disso, demonstra um estado de saúde mental alterado, já que contradisse essa ideia n'A Gênese, inclusive em sua quinta edição, como demonstramos acima.

Ora, sabendo que Kardec deixa muito claro seu entendimento de que a encarnação não pode ser resultado exclusivo da expiação e conhecendo seu estado de saúde mental sadio, até o dia de sua morte, podemos chegar a apenas uma conclusão: essa obra **foi adulterada**.

A alteração é muito clara: “Todas as misérias, todas as vicissitudes que suportamos na vida corporal são decorrentes de nossas imperfeições, expiações de faltas cometidas”. Isso é claramente a ideia de Roustaing, e a essência desse capítulo foi perdida com a alteração, para implantar os mesmos dogmas que esse senhor aceitava e defendia:

“Não; a encarnação humana não é uma necessidade, é um castigo, já o dissemos. E o castigo não pode preceder a culpa”.

ROUSTAINING, Jean B. Quatro Evangelhos, Tomo I, item 59

Muitos dirão, ainda, que o item 16 do cap. VII de O Céu e o Inferno (a versão adulterada) encerra o mesmo princípio removido do item 8, original:

16.º — O arrependimento é o primeiro passo para o aperfeiçoamento; mas sozinho não basta; são precisas ainda a expiação e a reparação.

Arrependimento, expiação e reparação são as três condições necessárias para apagar os traços de uma falta e suas consequências.

O arrependimento suaviza as dores da expiação, dando esperança e preparando as vias da reabilitação; mas somente a reparação pode anular o efeito, destruindo a causa; o perdão seria uma graça e não uma anulação.

Contudo, perguntamos: em que se torna a arrependimento, a expiação e a reparação, quando submetidas às ideias inseridas pelas adulterações, senão no cumprimento de uma sentença ou de um castigo? Em que se torna o erro, parte do aprendizado, senão em uma condenação? E, vendo sob esse ângulo, perguntamos: o indivíduo que é levado a pensar dessa maneira, como age ante à vida? Age austeramente, buscando superar o erro, ou, crendo-se condenado, se submete à inação ou, pior, descamba por mais erros ainda? E ante ao próximo, que sofre as vicissitudes da vida? Vê nele um irmão que requer o nosso apoio, um ser capaz de superar suas dificuldades pelo aprendizado, ou vê nele mais um condenado, sobre o qual nada se pode fazer, já que cumpre sua sentença? Finalmente: tudo isso leva ao estado de cooperação, em busca do progresso, ou leva ao materialismo e ao egoísmo?

São perguntas que cada um se deve fazer, de posse do conhecimento que, para mim, demorou três anos para ser clarificado e estabelecido. Quem sabe, com tudo isso, eu possa ajudar a diminuir esse tempo para você.

Inimigos do bem se esforçam por retardá-lo

É muito evidente que o capítulo mais importante de O Céu e o Inferno, justamente aquele que continha a essência da filosofia doutrinária, foi propositadamente adulterado. As ideias originalmente estabelecidas foram completamente

remodeladas segundo dogmas ligados à ideia da [queda pelo pecado](#), atrasando, por mais de 150 anos, o desenvolvimento do Espiritismo na face da Terra. Chega. Agora é hora de **recuperar e de estudar**. Recomendamos a leitura das nossas [Obras Recomendadas](#).

Os esforços daqueles que [tentam obter o domínio da verdade](#) estão ligados às concepções de velho mundo. São Espíritos ainda incapazes de compreender a essência do Espiritismo e que, conscientemente ou não, lutam contra suas ideias de autonomia e de liberdade. Como diria Kardec, deixemos que o tempo se encarregue deles.

Dizem eles terem provado sumariamente a não adulteração e, assim, refutado **todas** as evidências em contrário. Assim sendo, peço a esses indivíduos que expliquem essa alteração **ilógica** e **contraditória** a toda a doutrina.

Como agem os sacerdotes

Para Leymarie, os fatos e a discussão sobre eles não importavam. Para manter a sua versão, visava dominar a verdade com subterfúgios diversos. Tentava tomar domínio da opinião espírita e escondia tudo o que pudesse depor contra suas ideias. Assim agem, também, aqueles que contrariam os fatos da adulteração com o “canto de sereia”, como diria Marcelo Henrique.

Há poucos dias, comentei no vídeo “ O Livro A Gênese foi mesmo adulterado?”, publicado no canal Grupo Espírita Revelare, no Youtube:

O LIVRO "A GÊNESE" FOI MESMO ADULTERADO?

Grupo Espírita Educare
188 inscritos

Inscriver-se

17



Compartilhar

Download

Clipe



1,4 mil visualizações há 2 semanas

Certamente você já conhece a polêmica em torno da suposta adulteração do livro "A Gênese", de Allan Kardec. Mas será que essas suspeitas têm fundamento? Será que a quinta edição de A Gênese é mesmo uma fraude? ...mais

4 comentários Ordenar por



Adicione um comentário...



@espiritismodeverdade há 1 dia

Como Don Quixote lutando contra os moinhos de vento, vocês lutam contra o fato jurídico da adulteração. Mas eu não acredito que vocês fizeram a mesma coisa que Leymarie e "esqueceram" de mencionar a parte mais importante da comunicação dada a Kardec sobre as novas edições: "não retirar nada".

Cita Paulo Henrique em "Autonomia" :

"Há uma questão inicial de Allan Kardec, bastante objetiva: - Na reimpressão que vamos fazer, gostaria de acrescentar algumas coisas, sem aumentar o volume. Você acha que existem partes que poderiam ser removidas sem inconveniência? Ou seja, era de iniciativa de Allan Kardec fazer uma modificação em sua obra, mas qual? Ele desejava acrescentar mais algumas coisas! Não tirar. E desejava fazer isso sem aumentar o volume do livro. O motivo de sua pergunta a Demeure está em saber se seria possível fazer isso, segundo a visão do Espírito. E a resposta é bastante objetiva e determinante. Ele respondeu, por meio do médium, enquanto Kardec anotava na folha: - Minha opinião é que não há absolutamente nada para tirar como doutrina; tudo é útil e satisfatório em todos os aspectos. Mas também acredito que você poderia, sem inconveniência, condensar ainda mais certas ideias que não precisam de desenvolvimento para serem compreendidas, já tendo sido esboçadas em outro lugar; em seu trabalho de reorganização, você conseguirá isso facilmente. Tirar alguma coisa? Nada quanto à Doutrina. Demeure foi bastante claro, mas ainda detalhou mais sua proposta: - Devemos deixar intactas todas as teorias que aparecem pela primeira vez aos olhos do público; não retire nada como ideias, repito, mas corte apenas, aqui e ali, desenvolvimentos que não acrescentam nada à clareza. Você será mais conciso, sem dúvida, mas igualmente compreensível, e é no terreno assim adquirido que você poderá ter que adicionar elementos novos e urgentes. Definitivamente não é o que encontramos na versão adulterada da obra de 1872! Foram centenas de supressões. Palavras, frases, parágrafos e até partes inteiras foram retiradas, algumas alterando o sentido do restante do texto. Basta dizer que a teoria sobre a conquista progressiva do livre-arbítrio, após o espírito elaborar a consciência de si mesmo durante centenas de vidas, foi retirada depois de cuidadosamente elaborada por Kardec durante muitos anos, na Revista Espírita, e finalmente apresentada na obra A Gênese. Antes, o instinto dominava sozinho, mas a inteligência começa a se desenvolver, e aos poucos o instinto se enfraquece, então escreveu originalmente Kardec: "Com a inteligência racional, nasce o livre-arbítrio que o homem usa à sua vontade: então somente, para ele, começa a responsabilidade de seus atos" (KARDEC, [1868] 2018, p. 100). Esse importante trecho, fundamental para a Teoria Moral Espírita, foi deliberadamente retirado, contra a vontade de Kardec e as recomendações dos Espíritos, fato que agora comprovamos! Nas páginas desta obra detalhamos diversas dessas infames e criminosas falsificações."

Mostrar menos

Responder

Adicione uma resposta...



Cancelar

Responder



há 13 dias (editado)

Excelente síntese!

Apenas um esclarecimento: existem as matrizes e as matrizes fundidas (que são chamadas de clichês).

As matrizes são como formas que permitem a fundição posterior das matrizes fundidas (em ferro). Uma boa analogia é com a preparação de um molde da arcada dentária hoje em dia: primeiro se faz uma forma a partir dos dentes de alguém (que seria a matriz) e depois a forma é preenchida com um material que v...

Ler mais

Responder

1 resposta

@GrupoEspiritaEducare há 6 dias

Obrigado pela observação, [usuário] 🙏👍👍

Responder

@espiritismodeverdade há 1 dia

Achou mesmo excelente? O mero fato de Kardec não desejar remover nada, conforme declara em sua pergunta a um Espírito, acrescido da resposta do Espírito, dizendo para não remover nada que fizesse perder ideias doutrinárias, somado ao fato de que a adulteração (factualmente assim enquadrada no âmbito jurídico) promoveu justamente a remoção de desenvolvimentos de ideias importantes, não deveria ser um grande sinal vermelho nesse assunto?

Honestamente, eu não entendo vocês...

Mostrar menos

Responder

Não por acaso, meus comentários não aparecem para mais ninguém, pois estou oculto no canal.

O LIVRO "A GÊNESE" FOI MESMO ADULTERADO?



Grupo Espírita Educare

188 inscritos

Inscriver-se

17



Compartilhar



1,4 mil visualizações há 2 semanas

Certamente você já conhece a polêmica em torno da suposta adulteração do livro "A Gênese", de Allan Kardec. Mas será que essas suspeitas têm fundamento? Será que a quinta edição de A Gênese é mesmo uma fraude? ...mais

4 comentários



Ordenar por



Adicione um comentário...



[Redacted] há 5 dias

Amei a produção! Parabéns!



1



Responder



[Redacted] há 13 dias

Parabéns! Ficou sensacional!



1



Responder



[Redacted] há 13 dias (editado)

Excelente síntese!

Apenas um esclarecimento: existem as matrizes e as matrizes fundidas (que são chamadas de clichês).

As matrizes são como formas que permitem a fundição posterior das matrizes fundidas (em ferro)...

Ler mais



Responder



• 1 resposta

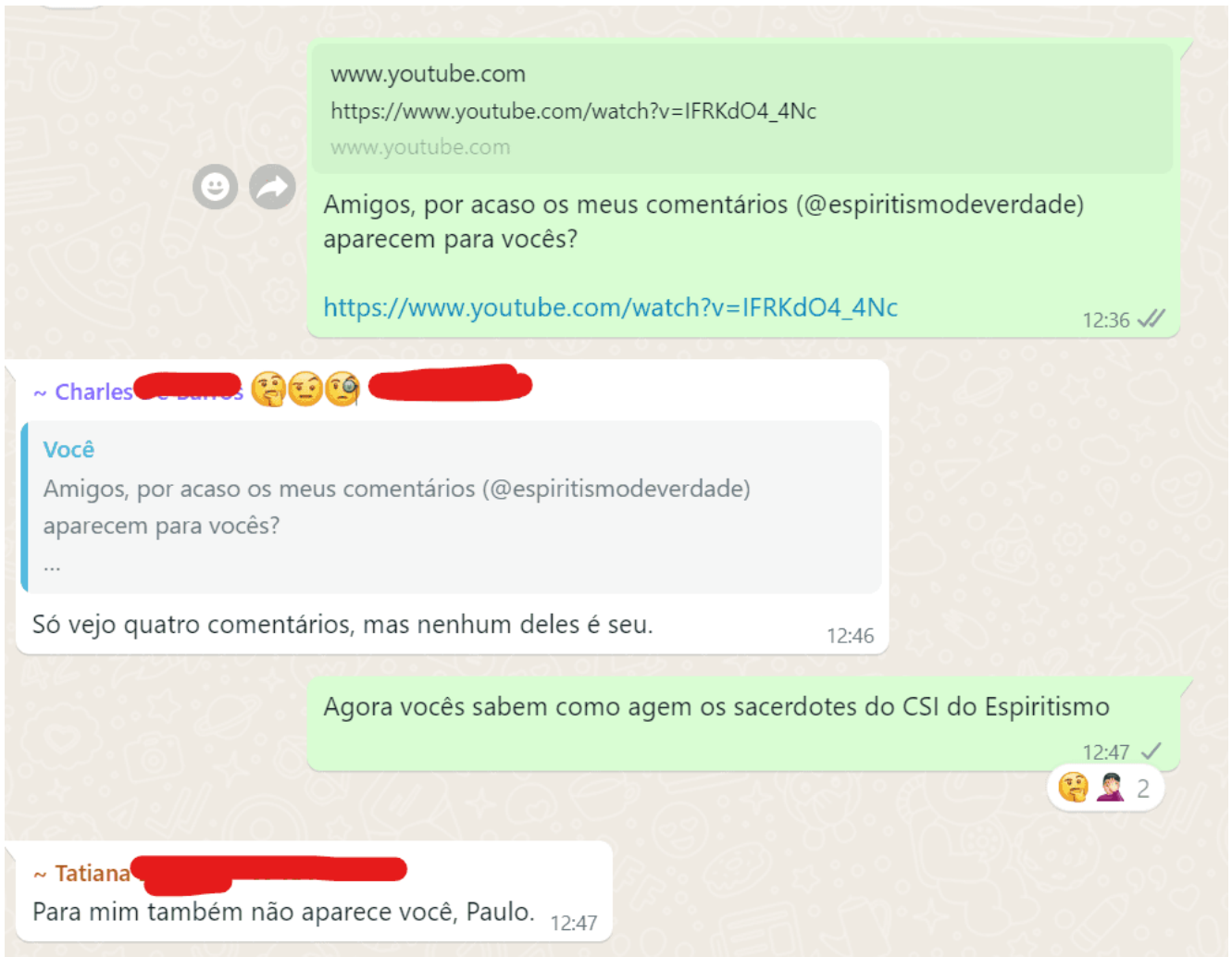


@GrupoEspiritaEducare há 6 dias

Obrigado pela observação, [Redacted] 🙏👍👏



Responder



Allan Kardec e a revolução moral da humanidade

Allan Kardec e a Revolução Moral da Humanidade — Palestra de Paulo Henrique de Figueiredo

Revista Espírita Semear - Junho de 2026

Está lançada a segunda edição da Revista Espírita Semear, do mês de julho de 2026, contendo os seguintes artigos:

- Comunicações Espontâneas sobre a retomada do Espiritismo
- Comunicação de Kardec em outro grupo
- Manifesto pelo Resgate da Ciência Espírita: O Despertar da Verdade
- O desvio da Federação Espírita Brasileira: como o roustanguismo afastou do Espiritismo o Movimento Espírita
- Mediunidade: estudo e prática
- Os Pilares do Espiritismo - Reinterpretar sem Descaracterizar
- Seu relato pode iluminar vidas: Participe da Revista Espírita Semear

Para ler essa edição, [clique aqui](#).

Os Pilares do Espiritismo - Reinterpretar sem Descaracterizar

O Espiritismo é uma doutrina viva e progressiva que deve ser reinterpretada pelo crivo da razão, sem violar seus oito pilares inegociáveis. A alteração desses fundamentos centrais descaracteriza a identidade da obra, tornando-a algo alheio à proposta original de Kardec. O desafio do espírita é atualizar com coragem o que é periférico e datado, mantendo fidelidade absoluta à essência espiritual eterna

Fundação da União Espírita Brasileira

Em determinados momentos da história, permanecer em silêncio deixa de ser sinal de prudência e passa a representar consentimento. Há épocas em que a omissão pesa tanto quanto a própria ação. A fundação da União Espírita Brasileira (uniaoespiritabrasileira.com.br) surge exatamente nesse contexto: como reação ao que seus fundadores compreendem como um longo processo de descaracterização do Espiritismo no Brasil.

Esse processo remonta a 1895, quando a Federação Espírita Brasileira passou a ser dirigida por seguidores das ideias de Jean Baptiste Roustaing. Para os integrantes da União Espírita Brasileira, esse episódio marcou o início de uma ruptura profunda entre o Espiritismo organizado por Allan Kardec e uma estrutura religiosa construída gradualmente ao redor da FEB, sustentada por elementos dogmáticos incompatíveis com a metodologia kardequiana.

A crítica central apresentada pela UEB é direta: o Espiritismo teria deixado de ser tratado como ciência filosófica de investigação racional para tornar-se, progressivamente, um sistema religioso baseado na autoridade mediúnica, na aceitação acrítica de comunicações espirituais e na submissão intelectual a figuras consideradas incontestáveis.

Nesse entendimento, princípios fundamentais da ciência espírita foram abandonados. A evocação dos Espíritos, amplamente utilizada por Kardec como ferramenta metodológica de comparação e análise, foi transformada em tabu. O exame crítico das comunicações mediúnicas perdeu espaço para a aceitação automática. A mediunidade doméstica, compreendida como ambiente de estudo e observação, foi desencorajada. Em lugar da investigação racional, consolidou-se uma cultura de fé cega.

Para a União Espírita Brasileira, esse processo gerou consequências devastadoras para o Movimento Espírita Brasileiro. O Espiritismo teria sido convertido em uma estrutura religiosa marcada por misticismo, personalismo e dependência psicológica de médiuns e instituições. O que Kardec estruturou como método de observação racional dos fenômenos espirituais teria sido reduzido, segundo a

UEB, a um sistema de crenças sustentado por autoridade institucional e emocionalismo.

É nesse cenário que a União Espírita Brasileira declara seu surgimento.

A UEB apresenta-se não como uma instituição destinada a centralizar o Movimento Espírita, mas como uma iniciativa independente voltada à recuperação dos fundamentos originais do Espiritismo. Sua proposta afirma basear-se exclusivamente nas 23 obras de Allan Kardec e na retomada da metodologia espírita abandonada após sua morte.

O movimento também se insere em uma tradição histórica de resistência às adulterações doutrinárias ocorridas após o desencarne de Kardec. O manifesto cita figuras como Léon Denis, Gabriel Delanne e Amélie-Gabrielle Boudet como participantes da luta contra a descaracterização do Espiritismo na França do final do século XIX.

Inspirada nesse precedente histórico, a União Espírita Brasileira declara-se como continuidade de um esforço regenerador que busca recuperar o caráter racional, investigativo e antidogmático da Doutrina Espírita.

Entre os princípios apresentados pela UEB estão:

- o combate às distorções impostas ao Espiritismo;
- o esclarecimento sobre as adulterações das obras *O Céu e o Inferno* e *A Gênese* após a morte de Kardec;
- a retomada da ciência espírita conforme organizada nas obras kardequianas;
- a defesa da liberdade de consciência e do exame racional das comunicações espirituais;
- a oposição à ideia de instituições acima da doutrina;
- a rejeição à unificação autoritária do Movimento Espírita.

A União Espírita Brasileira também afirma que não pretende substituir o Movimento Espírita nem tornar-se uma “instituição mater”. Sua posição sustenta que nenhuma organização deve ocupar papel superior aos princípios doutrinários. Segundo sua declaração, agrupamentos e sociedades devem servir apenas como pontos de estudo, união e difusão, jamais como centros de autoridade ideológica

ou espiritual.

Outro aspecto central da fundação da UEB é a defesa explícita da autonomia intelectual do espírita. O movimento sustenta que o Espiritismo não pertence a dirigentes, médiuns ou federações. Pertence aos princípios descobertos pela observação racional e universal dos fatos espíritas.

Por isso, a fundação da União Espírita Brasileira apresenta-se como um chamado ao retorno da investigação, do estudo comparado e da independência crítica. Não como um apelo emocional, mas como uma reação contra aquilo que considera a substituição da razão pela submissão.

No entendimento da UEB, o verdadeiro Consolador Prometido não veio para produzir servos intelectuais, mas consciências livres capazes de questionar, observar, comparar e concluir racionalmente.

Assim, a fundação da União Espírita Brasileira representa, para seus integrantes, um marco de resistência doutrinária. Um movimento que declara ser necessário romper com mais de um século de distorções e recolocar o Espiritismo sobre aquilo que considera sua base legítima: a ciência espírita organizada por Allan Kardec.

Manifesto pelo Resgate da Ciência Espírita: O Despertar da Verdade

Espíritas verdadeiros, chegou a hora de despertar.

É momento de nos unirmos para caminhar sobre as ruínas de um velho mundo. É hora de pisar sobre os escombros de ideias obsoletas, conceitos que aprisionam e distorções que mascaram a verdade. O progresso nos chama, e para alcançá-lo, precisamos deixar para trás tudo aquilo que nos impediu de enxergar a luz da razão.

Durante décadas, a chamada “Casa de Ismael” infiltrou-se no Brasil, adornando-se

com a roupagem do movimento espírita para, na verdade, destruir a compreensão real do Espiritismo em solo brasileiro e pelo mundo. Chega de falsas ideias. Chega de fé cega, de idolatria e de distorções perversas. Acabou-se o tempo de assistirmos a tudo isso com uma “compaixão” hipócrita, em nome de uma falsa caridade que não se sustenta diante da verdade. Não toleraremos mais que as ideias de Ismael, ecos do roustinguismo, aniquilem a essência do Espiritismo.

Levantem-se! Formem grupos! Unam-se!

Precisamos de harmonia e unidade, mas não se enganem: não buscamos a “unificação” forçada sob as mentiras propagadas pela FEB desde 1895. O que precisamos é de **colaboração**.

O caminho de volta é claro: retomem o estudo rigoroso das obras de Allan Kardec. O legado de Kardec é a nossa única base segura. Quando vocês dominarem a ciência espírita e sentirem que é o momento, retomem a prática mediúnica — mas façam-no como ela deve ser: com rigor, seriedade e, acima de tudo, com o **exame crítico e comparativo** de todas as comunicações, sem exceções.

O “[falso anjo Ismael](#)” só conseguiu dominar porque nós nos calamos. Vergonhosamente, muitos de nós abandonaram a ciência espírita e renegaram o trabalho monumental registrado nas 23 obras de Kardec. Pregamos que o Espiritismo não era uma doutrina de fé cega, mas aceitamos cegamente tudo o que foi publicado no último século, desde o grupo Sayão até as narrativas de Ismael.

Essa era de silêncio terminou. A história não ficará mais escondida. O mundo precisa compreender por que o próprio Chico Xavier, ao final, afastou-se da FEB. O tempo em que os alertas de Herculano Pires ficavam confinados a livros e revistas inacessíveis acabou.

A verdade sobre a Casa de Ismael será revelada: um espírito mistificador, fascinado e observador, que encontrou caminho livre em 1895 para dominar a Federação Espírita Brasileira. Por dentro, eles implantaram uma visão dogmática, tenebrosa e arcaica, transformando o Espiritismo em uma vergonha de si mesmo. Derrubaram o pilar central da doutrina — a fé raciocinada — para impor a obediência. Hoje, a FEB afirma que o exame crítico é desnecessário porque as mensagens já viriam “filtradas” por espíritos eleitos.

Mais grave ainda é a herança de Ismael e [Roustaing](#): a ideia aberrante de que a encarnação é um castigo e que só encarna quem errou. Essa mentira aprisionante transforma a vida, que deveria ser uma escola bendita de aprendizado, em uma sentença de punição. Para sustentar esse sistema e cegar os fiéis, criaram os “Médiuns Estrela” — oráculos intocáveis que servem como escudos para evitar qualquer questionamento.

O Espiritismo nunca foi religião.

O que criaram no Brasil foi uma religião rustanguista disfarçada, um movimento tão fanatizado que é capaz de calar e excluir qualquer um que ouse apresentar as obras de Kardec para provar os erros das posições febianas e de seus romances descuidados.

Mas avisamos: esse domínio está com os dias contados. A verdade é a única força capaz de destruir, lenta e paulatinamente, a contaminação ismaelista e febiana. Até que não reste nada além de memória ou de uma religião isolada e irrelevante.

Retomemos o Espiritismo dos escombros.

Acesse o link na bio, conheça o nosso site e junte-se ao nosso grupo de estudos: **O Legado de Allan Kardec**.

A verdade libertará.

Comunicação de Kardec em outro grupo

Recebemos, em maio de 2026, de N..., de Pernambuco, uma comunicação mediúnica bastante interessante, atribuída ao Espírito de Allan Kardec, ocorrida espontaneamente em um grupo parceiro nosso:

Caros amigos e irmãos, este que vos comunica já esteve e passou na pele por todos esses labores. Continuem firmes e fortes com o trabalho. Esse trabalho é

uma força com a união das mentes que não pode parar; muitas já foram as investidas. Se há dúvida no recado, utilizem o critério universal dos espíritos: submetam-se a perguntar, sejam persistentes e não aceitem que o recado seja de uma única fonte, pois, sendo assim, meu irmão, não passa de uma simples opinião. Já disse e vos digo: estão assessorados. Nossos irmãos também na erraticidade comprometeram-se a vos auxiliar. A cabeça e a fé inabalável mantiveram forte a doutrina que não é nossa, é dos espíritos; nós somos apenas os mantenedores.

Hippolyte?

Não tendo visto nela nada que a desabone, temos apenas reforçado aquilo que os Espíritos dizem anós mesmos: que os esforços do lado deles não param, que é chegada a hora da retomada e que o Espírito de Allan Kardec assiste a todos nós nessa jornada.

Comunicações Espontâneas sobre a retomada do Espiritismo

Na reunião mediúnica do dia 19 de maio de 2026, questionávamos a respeito de mistificações que aconteceram em nosso grupo, quando tentamos evocar o Espírito de André Luiz, bem como outra vez, quando tentamos evocar o Espírito de Chico Xavier. Queríamos entender o motivo dessas mistificações, buscando honestamente a ajuda dos Espíritos superiores, capazes de nos esclarecer, e acabamos recebendo duas comunicações muito instrutivas, através de diferentes médiuns. Terminamos, como vocês poderão ver, entendendo que o propósito é muito mais profundo e que, de uma forma ou de outra, tais evocações não nos serviriam de grande proveito. No fundo, queríamos provar, a nós mesmos, que seria possível realizar tais evocações, como se isso fosse nos dar mais certezas, mas acabamos agraciados, desde a [comunicação com Kardec](#), com comunicações sérias e profundas, que nos trazem muito mais certeza do propósito que nos irmana, bem como da assistência de Espíritos que, vendo nosso esforço honesto, têm a caridade de nos auxiliar, como crianças que ainda somos nessa jornada.

Neófilis

É ótimo estar com vocês novamente, meus irmãos. Não me comuniquei aqui, antes, pois não era o momento, mas observo o trabalho deste grupo. São bem assistidos por excelentes irmãos. Isso ajudará na seara de vocês. Tenham ânimo e coragem. Mantenham-se firmes na proposta. Que tenhamos sempre a boa vontade para que possamos ser um instrumento dos bons espíritos. E essa boa vontade vocês já têm. É fora de dúvida.

É necessário estar em guarda contra as mistificações que querem ou estão tentando atrapalhar, atrasar e fazer com que este trabalho retroceda de alguma forma. Mas, com a ajuda dos que aqui estão, com raciocínio, com lógica e com bom senso isso não acontecerá *com frequência*. O bom irmão disse: é evidente que os testes acontecerão. Não se entristeçam com isso. O trabalho é sério. O trabalho ajudará nesta recuperação. Não podemos vacilar jamais. Jamais fugir à proposta. Coragem! Lembrem-se sempre que os bons espíritos dão assistência àqueles que realmente querem trabalhar e fazer o que é correto, sem interesses pessoais, sem ganhos pessoais.

O amor de vocês pela proposta é visto daqui. Não estão sozinhos, nunca estiveram sozinhos! Não estão sozinhos, assim como o codificador não esteve. Os espíritos de todos que amam este trabalho que aconselham e intuem vocês estão sempre a vosso lado. É fora de dúvida que é chegado o tempo em que a verdade voltará ao seu devido lugar. Não há mais espaço para mentiras; não há mais espaço para desvios. **Nada** travará essa grande marcha que é a marcha do espiritismo, a marcha da terceira revelação. Têm as obras à vontade; que meditemos nisto com amor e com respeito, dentro de nossas forças. Outros virão a fim de ajudar vocês nesta tão bela proposta. É isto que tenho a dizer.

Ari

Irmão, que lindas palavras eu me emocionei você pode dizer seu nome, por favor?

- Chamo-me *Neófilis*

Observação: Não é um nome conhecido. Cremos que isso foi propositado.

Ari

Neófilis, é um prazer ter aqui com você eu fiquei muito emocionada com as suas palavras muito obrigada, não sou digna de todas as palavras bonitas que você trouxe para nós

Neófilis

Eu trouxe apenas a mensagem dos irmãos. Fui agraciado com essas palavras. Estamos aqui, não tenha medo. Seguramos a vossa mão. Conserva a confiança, a fé, o respeito. A codificação espírita é um tesouro para este mundo, tesouro sem igual. Quão saudável seria para os espíritos imperfeitos que pudessem meditar com sinceridade no que está escrito nas linhas... Que pudessem observar com amor e praticar a lei de justiça e caridade... Não se atrasariam tanto, não chorariam tanto, não gemeriam tanto após sua entrada no mundo dos espíritos. Se observassem a codificação, sofreriam menos; se amassem, se seguissem ao Cristo, sofreriam menos. Amar é estudo; amar ao Criador, seguir a Cristo, é estudo. Caridade, pois fora da caridade não há salvação. Deixo vocês, mas repito: não estão desamparados, de modo algum. Estão amparados por muitos que vos amam e que vos ajudarão a carregar os fardos que muitas vezes consideram pesados. São pesados, por conta de vossa matéria, ao vosso ver, mas lembrai-vos: o Espírito é livre. Sois espíritas: conservem a confiança em tudo que lhes foi passado, sempre com raciocínio e bom senso. Esta é a mensagem que deixo a vocês.

Fiquem com Deus.

Observação: quanta emoção nos despertaram essas palavras. Mais do que as observações desse Espírito a respeito do conhecimento do Espiritismo que, se não tivesse sido obstado por tantas distorções, tantas lágrimas teria poupado. As palavras “amar é estudo; amar ao Criador, seguir a Cristo, é estudo” refletem a finalidade do Espiritismo, pois que, como doutrina científica, vêm dar entendimento prático e cumprimento às palavras de Jesus, tomado pelo Espiritismo como maior exemplo de moral, mas não o único e não como um chefe religioso. Por final, as palavras “sois espíritas: conservem a confiança em tudo que lhes foi passado, sempre com raciocínio e bom senso” reflete a posição daquele que se reconhece como Espírita: confiança nos bons Espíritos, atraídos pelo propósito sério no bem, mas sem jamais deixar de examinar a todas as comunicações, sem exceção.

Um Espírito amigo da codificação

Prezados irmãos, a vocês que se encontram nesta reunião, nesta nova forma de comunicação, vim para oferecer a vocês minha consolação e meus préstimos a este trabalho ao qual vocês se dedicam. Sou mais um aqui, em meio a tantos que nos rodeiam, e é por meio deles que trago a vocês uma visão que vai um pouco além daquela que vocês possuem.

Posso dizer que, em breve, pelo menos mais dois grupos se juntarão a vocês. Cada um deles trará mensagens similares àquelas que vocês já receberam do mestre Kardec, e isso mostrará a todos os que ainda duvidam que ele sempre esteve presente, esperando pelo momento de retornar e orientar, mais uma vez, a todos, mostrando o caminho que o Espiritismo deve seguir. ((Notem que não há exclusivismo sobre o nosso grupo. Ele orientará a todos, não apenas a nós.)) Ele mesmo dirá a vocês, no momento certo, como devem prosseguir. Considerem não um privilégio, mas uma oportunidade de retomar os caminhos que ele abriu e que continuarão se alargando a partir de então. A luta não é só de vocês; é de todos nós.

Busquem nas bases de Kardec, e lá vocês encontrarão o princípio de toda a verdade, que mesmo os cegos conseguirão enxergar. Tomem cuidado com os personalismos, com as vaidades. Tomem cuidado com aqueles que minimizam os problemas criados neste último século em torno da verdadeira espiritualidade.

Haverá sempre os detratores, aqueles que, com pose e ar de professores, se insinuam como grandes sábios, tendo, nas palavras, uma falsa segurança daquilo que professam. Uma verborragia inútil diante da verdade, que não se apaga com falsos argumentos. Colocam-se em pedestais, em grandes púlpitos, como se ali pudessem ser, ou se tornar, melhores do que aqueles que os escutam.

Disseminaram-se aqueles que se diziam profetas do Espiritismo, aqueles que, com o dinheiro, compraram o silêncio, contaminaram o Evangelho, contaminaram as obras, sem usarem nem pensarem no prejuízo e nas consequências daquilo que fizeram. Movidos pela vaidade, pela ganância, movidos pelo orgulho, jogando lama sobre nossos ensinamentos. Nossa compaixão por essas almas é infinita. Vemos o seu arrependimento. Porém, aqueles que ainda estão na matéria levarão consigo, quando aqui chegarem, muito mais do que arrependimento. A eles também, a nossa compaixão.

Mas os braços cruzados não erguem um edifício. Estamos aqui todos oferecendo os alicerces, mas a base deve ser sólida, o terreno deve ser propício, ou os nossos esforços e o de vocês sucumbirão. Construam, pois, essa nova casa e, através dela, mostrem a todos a importância do aprendizado, das comunicações. Sem isso, não chegaremos ao nosso propósito. ((Destaques nossos.))

Não peçam o meu nome neste momento. Voltarei a me comunicar com vocês em momento oportuno. Conservem a esperança e verão, em breve, muitas das mentiras propagadas ruírem, porque o edifício não tem base e não tem terreno.

Confiem, perseverem.

“A Verdadeira Face do Espiritismo”: uma expectativa proporcional à acusação

A preparação do projeto *“A Verdadeira Face do Espiritismo”*, pelo Centro Dom Bosco, naturalmente desperta expectativa. E essa expectativa é diretamente proporcional à gravidade da proposta anunciada.

Se alguém se propõe a revelar a “verdadeira face” de uma doutrina inteira, especialmente uma doutrina construída sobre extensa produção escrita, método de comparação e investigação sistemática, espera-se um trabalho igualmente extenso, rigoroso e intelectualmente honesto.

No caso do Espiritismo, isso significa uma análise séria das 23 obras de Allan Kardec que compõem o corpo fundamental da ciência espírita. Não fragmentos isolados, frases arrancadas do contexto, críticas dirigidas ao “movimento espírita” moderno como se isso automaticamente invalidasse a doutrina organizada por Kardec. O alvo da crítica, se o título do livro pretende ser intelectualmente consistente, precisa ser a estrutura doutrinária original.

Por isso, aguardamos ansiosamente a publicação da obra.

Esperamos encontrar nela nada menos do que uma demonstração ampla, racional e documental de que, ao longo dessas obras, o Espiritismo ensine algo objetivamente mau. Algo contrário ao bem., à moralidade, à elevação humana.

Espera-se uma demonstração clara de que o Espiritismo:

- estimule o egoísmo;
- desencoraje a caridade verdadeira;
- promova a crueldade;
- incentive o apego material;
- fomente o orgulho;
- destrua a responsabilidade moral;
- legitime o ódio;
- estimule a exploração do próximo;
- conduza pessoas ao vício moral;
- despreze a fraternidade humana.

Porque é exatamente esse o nível de prova exigido quando se acusa uma doutrina moral de possuir uma “verdadeira face” obscura ou perversa, como o Centro dom Bosco insiste em sustentar.

Acusações são simples. A dificuldade sempre tem sido sustentar documentalmente que uma doutrina cuja base moral insiste continuamente em caridade, responsabilidade e melhoria moral seja, em essência, algo contrário ao bem.

Existe ainda outra distinção frequentemente ignorada: uma coisa é criticar práticas, exageros, misticismos, personalismos ou deformações presentes em setores do movimento espírita moderno. Outra coisa completamente diferente é demonstrar que a codificação kardequiana, em sua estrutura original, possui essência moral negativa.

Confundir essas duas coisas é um erro lógico básico. Seria equivalente a julgar uma teoria científica exclusivamente pelos desvios de alguns de seus adeptos, sem examinar seus fundamentos.

Além disso, qualquer crítica intelectualmente séria ao Espiritismo precisaria enfrentar um ponto histórico incontornável: Allan Kardec não apresentou o Espiritismo como criação pessoal ou revelação individual. O próprio Kardec insistiu repetidamente que o Espiritismo seria um conjunto de fatos observados e organizados metodicamente através da comparação universal dos ensinamentos atribuídos aos espíritos. Concorde-se ou não com essa premissa, a crítica honesta precisa primeiro compreender corretamente aquilo que pretende refutar, caso contrário, o debate deixa de ser análise e se transforma apenas em caricatura.

Por isso, a expectativa em torno de *“A Verdadeira Face do Espiritismo”* é legítima. Um título tão forte exige um conteúdo proporcionalmente sólido. Se o livro realmente enfrentar, de maneira integral, documentada e contextualizada, as 23 obras fundamentais da ciência espírita, então terá produzido algo relevante para o debate de ideias. Mas se recorrer apenas a recortes, simplificações, associação emocional, episódios periféricos, confusão entre doutrina e movimento, ou ataques retóricos sem exame global da obra kardequiana, então acabará como todas as outras: caindo no ridículo. Aguardamos.

ESPIRITISMO E MARXISMO: INCOMPATIBILIDADE FUNDAMENTAL E A CONTRADIÇÃO DO “ESPÍRITA COMUNISTA”

Como defender a caridade, o livre-arbítrio e a reforma moral individual enquanto se advoga a luta de classes, a revolução violenta e a ditadura do proletariado?

Introdução: Um Paradoxo Insustentável

Nos últimos tempos, tem-se observado um fenômeno curioso e, do ponto de vista doutrinário, profundamente contraditório: pessoas que se declaram adeptas da Doutrina Espírita ao mesmo tempo em que defendem e propagam os fundamentos do marxismo, do comunismo e de outras correntes de reforma social baseadas na luta de classes e na revolução violenta.

Este artigo não se propõe a discutir preferências políticas pessoais. O objetivo é, tão somente, demonstrar, à luz das obras fundamentais de Allan Kardec, que tais posições são **doutrinariamente incompatíveis**. Não se trata de uma questão de “esquerda” ou “direita”, mas de uma antinomia ontológica, ética e metodológica, onde defender um sistema é, por definição, negar o outro.

Como bem sintetizamos: o marxismo quer impor uma reforma social pautada no materialismo e no bem utilitário através da força e da violência. O Espiritismo, ao contrário, fundamenta-se no livre-arbítrio, na reforma íntima e na caridade como força transformadora. Uma coisa anula a outra.

A Ontologia do Conflito — Matéria vs. Espírito

Todo o edifício teórico do marxismo repousa sobre o **materialismo dialético**. Para Karl Marx e Friedrich Engels, como expresso no *Manifesto do Partido Comunista*, as ideias, a moral, a religião e a própria consciência humana são uma **superestrutura** — um reflexo das relações materiais de produção e dos interesses da classe dominante.

No *Manifesto*, eles são taxativos:

“As vossas próprias ideias são produtos das relações de produção e propriedade burguesas, tal como o vosso direito é apenas a vontade da vossa classe elevada a lei.” (p. 46)

Para o materialismo histórico, a consciência do homem é determinada pela sua existência social material. O homem é, em sua essência, um ser econômico e de classe. Não há alma imortal, não há Espírito preexistente; há apenas matéria em movimento e consciência como seu reflexo.

A Doutrina Espírita, por sua vez, nasce como a **antítese declarada do materialismo**. Allan Kardec é enfático ao afirmar, na Introdução de *O Livro dos Espíritos*, que uma das missões do Espiritismo é exatamente combater o materialismo:

“Destruindo o materialismo, que é uma das chagas da sociedade, ele faz que os homens compreendam onde se encontram seus verdadeiros interesses.” (O Livro dos Espíritos, cap. VIII, item 799)

Para o Espiritismo, o homem é, antes de tudo, um **Espírito encarnado** — um ser imaterial, inteligente, que preexiste ao corpo e a ele sobrevive. A resposta à questão “Que é a alma?” é direta: “Um Espírito encarnado” (*O Livro dos Espíritos*, q. 134). A consciência, a moral e o pensamento não são meros reflexos da matéria; são atributos da alma, que é a causa, não o efeito.

Portanto, a primeira grande contradição do “espírita comunista” é ontológica: como se pode construir uma visão de mundo sobre a negação daquilo que é o pilar central da própria crença? O materialismo marxista nega a existência autônoma do Espírito; o Espiritismo existe para prová-la. Um anula o outro.

O Motor da História - Luta de Classes vs. Reforma Moral Individual

Para o *Manifesto Comunista*, o motor da história é a **luta de classes**. A obra se abre com a célebre afirmação:

“A história de toda a sociedade até aqui é a história de lutas de classes.” (p. 29)

A sociedade moderna está irremediavelmente cindida entre “burgueses e proletários”, e o progresso social só ocorre pelo conflito, pela exploração e, finalmente, pela revolução. A emancipação da classe operária “tem de ser obra da própria classe operária” (*Manifesto*, p. 20; prefácio de 1888, p. 14), em um movimento coletivo, antagônico e inevitável. A solidariedade que o marxismo prega é a **solidariedade de classe**, que se define por oposição a outra classe.

Para a Doutrina Espírita, o verdadeiro motor da transformação social é a **reforma moral do indivíduo**. Em sua *Viagem Espírita em 1862*, Kardec analisa os sistemas socialistas utópicos de sua época (como o de Robert Owen) e aponta a razão de seu fracasso:

“O que lhes faltava não eram braços numerosos, mas sólidos corações. [...] Seu erro é terem querido construir um edifício começando pela cumeeira, antes de ter assentado sólidos fundamentos.” (*Viagem Espírita*, p. 37-38)

E qual é o fundamento sólido para Kardec? A transformação interior do ser humano. Não adianta modificar as instituições se o homem continuar egoísta, orgulhoso e avarento. Como ele mesmo afirma no mesmo discurso:

“Sem a caridade, não há instituição humana estável. E não pode haver caridade nem fraternidade, na verdadeira acepção do termo, sem a crença.” (*Viagem Espírita*, p. 38)

O Espiritismo propõe uma revolução inversa: primeiro o homem se transforma pela caridade, pelo autoconhecimento e pelo esforço próprio; então, essa multidão de homens transformados cria uma nova sociedade por irradiação natural. O conflito, para Kardec, é um resquício do egoísmo e da barbárie, nunca um meio virtuoso ou desejável de progresso.

O Método da Transformação — Violência e

Coerção vs. Livre-Arbítrio

Esta é, talvez, a incompatibilidade mais gritante e evidente entre as duas doutrinas.

O *Manifesto Comunista* não deixa margem a dúvidas sobre os meios para se alcançar a sociedade comunista. No capítulo final, os autores declaram sem rodeios:

*“Os comunistas rejeitam dissimular as suas perspectivas e propósitos. Declaram abertamente que os seus fins só podem ser alcançados pelo **derrube violento de toda a ordem social até aqui**. Podem as classes dominantes tremer ante uma revolução comunista!” (p. 64-65)*

A linguagem é belicosa. Fala-se em “aniquilação forçada de uma massa de forças produtivas”, em “guerra industrial de extermínio”, e o próprio método proposto é a conquista violenta do poder político. O capitalista não é “convertido” pela razão ou pela caridade; ele é **expropriado**, seus bens são confiscados, e sua classe é destruída como tal.

O Espiritismo, em total e absoluta oposição, fundamenta-se no princípio inalienável do **Livre-Arbítrio**. Em *O Livro dos Espíritos*, a questão é direta:

“843. Tem o homem o livre-arbítrio de seus atos? - Pois que tem a liberdade de pensar, tem igualmente a de obrar. Sem o livre-arbítrio, o homem seria máquina.” (O Livro dos Espíritos, q. 843)

O cerne da evolução espiritual é a **escolha livre e consciente**. Não se pode forçar ninguém a ser bom, e a bondade forçada não tem mérito algum. A caridade, para ser verdadeira, deve brotar do coração, não ser imposta por decretos ou canhões. O egoísta não pode ser “desapropriado” de seu egoísmo; ele precisa, por seu próprio esforço e compreensão, chegar à conclusão de que o egoísmo é prejudicial a si mesmo e aos outros.

A duração do sofrimento do Espírito culpado está subordinada ao seu próprio aperfeiçoamento voluntário

Em *O Céu e o Inferno*, Kardec é ainda mais claro ao explicar que a duração do sofrimento do Espírito culpado está subordinada ao seu **próprio aperfeiçoamento voluntário**:

“8º) A duração do castigo está subordinada ao aperfeiçoamento do espírito culpado. Nenhuma condenação por um tempo determinado é pronunciada contra ele. O que Deus exige para pôr fim aos sofrimentos é o arrependimento, a expiação e a reparação - em resumo: um aperfeiçoamento sério, efetivo, assim como um retorno sincero ao bem.” (O Céu e o Inferno, cap. VIII, item 8º)

A reforma, portanto, é um ato da vontade individual, não uma imposição externa. O Espiritismo respeita o tempo de cada um, a escolha de cada um, o caminho de cada um. A revolução violenta, que não respeita a liberdade de ninguém, é a antítese completa desse princípio.

A hipocrisia aqui é evidente: como um espírita pode, com base na caridade e no respeito ao livre-arbítrio do próximo, defender um sistema que prega o extermínio de uma classe social (“inimigo de classe”) e a ditadura do proletariado como etapas necessárias para um bem maior? Isso é a antítese completa do “Fazei aos outros o que quiseríeis que vos fizessem”.

As Provas da Riqueza e da Pobreza - Instrumentos de Evolução, não Estruturas a Serem Abolidas pela Força

Aqui chegamos a um ponto crucial, frequentemente ignorado pelos que tentam conciliar o Espiritismo com ideologias materialistas.

No Espiritismo, a riqueza e a pobreza não são meras “estruturas sociais injustas” a serem abolidas pela força. São, antes de tudo, **provas** - experiências necessárias ao aprendizado e à evolução do Espírito. Em *O Livro dos Espíritos*, a questão é clara:

“814. Por que Deus a uns concedeu as riquezas e o poder, e a outros, a miséria? - Para experimentá-los de modos diferentes. Além disso, como sabeis, essas provas foram escolhidas pelos próprios Espíritos, que nelas, entretanto, sucumbem com frequência.”

“815. Qual das duas provas é mais terrível para o homem, a da desgraça ou a da riqueza? — São-no tanto uma quanto a outra. A miséria provoca as queixas contra a Providência, a riqueza incita a todos os excessos.” (O Livro dos Espíritos, q. 814-815)

A riqueza, portanto, não é um “mal em si” que precisa ser extirpado pela revolução. É uma **prova perigosa**, que pode levar o Espírito ao orgulho, ao egoísmo e à avareza - mas que também pode ser bem utilizada como instrumento de caridade e auxílio ao próximo. A pobreza, por sua vez, é uma prova de resignação, que pode levar o Espírito à revolta contra Deus ou à humildade e à paciência.

A existência dessas provas não é um acidente histórico ou uma “injustiça social” a ser corrigida pela violência. Ela é uma **característica do nosso planeta**, que se encontra em uma fase específica de sua evolução - a de **expições e provas**. Kardec explica que a Terra um dia se transformará, deixará de ser um mundo de provas e se tornará um mundo de regeneração. Nessa nova fase, as condições materiais serão outras, e os Espíritos que aqui encarnarão já não terão necessidade de passar pelas provas da riqueza e da miséria.

A transformação não se dará pela força

Mas essa transformação não se dará pela força. Não será uma revolução violenta que a produzirá. Ao contrário, a transformação será a **consequência natural** da evolução moral dos Espíritos que habitam a Terra. Nas palavras do próprio Kardec:

“O bem reinará na Terra quando, entre os Espíritos que a vêm habitar, os bons predominarem, porque, então, farão que aí reinem o amor e a justiça, fonte do bem e da felicidade. Por meio do progresso moral e praticando as leis de Deus é que o homem atrairá para a Terra os bons Espíritos e dela afastará os maus.”
(O Livro dos Espíritos, q. 1019)

Ou seja: primeiro o homem se torna bom, por seu próprio esforço, compreensão e vontade; então, naturalmente, suas instituições se tornam boas. A violência, a coerção e a imposição de um modelo à força são métodos que pertencem ao velho mundo, ao mundo do egoísmo e da barbárie - exatamente o mundo que se quer superar.

Um “espírita comunista” que defende a expropriação forçada dos ricos está, na prática, negando a própria razão de ser da riqueza como prova. Está dizendo, em outras palavras: “A riqueza não é uma prova para o Espírito; é apenas um roubo a ser reparado pela violência”. E, ao fazer isso, está propondo um método que não transforma ninguém - apenas amedronta e subjuga - e que, portanto, é inútil para o verdadeiro progresso espiritual da humanidade.

A Crítica Espírita aos Sistemas de Reforma Social

É importante notar que Allan Kardec não era ingênuo. Ele conhecia os sistemas de reforma social de seu tempo (socialismo utópico, fourierismo, owenismo) e os analisou criticamente. Em sua *Viagem Espírita em 1862*, ele faz uma análise surpreendentemente aguda, que poderia muito bem ser dirigida ao marxismo:

“Alguns homens bem intencionados, tocados pelos sofrimentos de uma parte de seus semelhantes, supuseram encontrar o remédio para o mal em certas doutrinas de reforma social. [...] Os autores, fundadores ou promotores de todos esses sistemas, sem exceção, não visaram senão a organização da vida material de uma maneira proveitosa a todos. A finalidade é louvável, indiscutivelmente. Resta saber se, nesse edifício, não falta à base que, só ela, poderia consolidá-lo.” (Viagem Espírita, p. 36)

E qual é a base que falta? Kardec responde:

“A comunidade é a abnegação mais completa da personalidade. Ela requer o devotamento mais absoluto, pois cada pessoa deve pagar de sua pessoa. Ora, o móvel da abnegação e do devotamento é a Caridade, isto é, o amor ao próximo. Entretanto, é preciso reconhecer que a base da caridade é a crença; que a falta de crença conduz ao materialismo, e o materialismo ao egoísmo.” (Viagem Espírita, p. 37)

A crítica de Kardec é precisa: os sistemas de reforma social que ignoram a dimensão espiritual do homem estão condenados ao fracasso porque tentam construir a fraternidade sobre o egoísmo, a solidariedade sobre a incredulidade. O marxismo, ao negar Deus, a alma e a vida futura, remove exatamente a base que poderia sustentar a abnegação e o devotamento desinteressados.

E mais: ao tentar impor pela força o que deveria brotar do coração, tais sistemas não apenas falham em transformar o homem, como o endurecem ainda mais, exatamente como acontece com o Espírito que se revolta contra Deus diante das provações. A revolução violenta produz revolucionários amargurados, não homens de bem.

Conclusão: A Incoerência é Doutrinária, não Política

Defender o comunismo e o Espiritismo simultaneamente não é um problema de “abertura política” ou “pluralismo de ideias”. É uma **contradição lógica e doutrinária fundamental**, comparável a defender o ateísmo e o sacerdócio ao mesmo tempo.

Aquele que se diz espírita e se proclama marxista ou comunista precisa, no mínimo, explicar como concilia:

Doutrina Espírita	Marxismo-Comunismo
Acredita na imortalidade e na preexistência da alma	Afirma que a consciência é um reflexo da matéria
O motor da história é a reforma moral individual	O motor da história é a luta de classes
O método é a caridade, o exemplo e a persuasão	O método é a revolução violenta e a ditadura
O progresso depende do livre-arbítrio de cada um	O progresso exige a imposição de uma nova ordem
A riqueza e a pobreza são provas para o Espírito	A riqueza é, por definição, fruto da exploração
A transformação social é consequência da evolução moral	A transformação social é causa da evolução do homem
O fim da desigualdade virá naturalmente com o progresso moral	O fim da desigualdade deve ser imposto pela força

Não se trata de defender o capitalismo ou qualquer outro sistema. Trata-se de reconhecer que o Espiritismo propõe um caminho próprio, original e singular: a transformação pela educação, pela fé racional, pelo exemplo e pela caridade. Abraçar a lógica marxista é, no fundo, demonstrar uma profunda **descrença no poder reformador do Espiritismo**.

É dizer, na prática, que a caridade, o amor ao próximo e o livre-arbítrio são insuficientes para mudar o mundo e que, para consertar a sociedade, a violência é necessária. É afirmar que o exemplo de Jesus - que pregou o perdão, a misericórdia e a transformação pelo amor - é impotente diante da força das armas e das barricadas.

O verdadeiro espírita compreende que as provas da riqueza e da pobreza são necessárias para o aprendizado dos Espíritos que encarnam na Terra. Ele sabe que não pode, pela força, abolir essas provas sem prejudicar o livre-arbítrio e a evolução de seus irmãos. O que ele pode - e deve - fazer é, pelo seu próprio exemplo de desprendimento e caridade, auxiliar aqueles que o cercam a compreender o verdadeiro significado da felicidade e do bem.

E quando um número suficiente de Espíritos houver compreendido isso, naturalmente a Terra se transformará, e as condições de prova darão lugar a condições de regeneração. Mas essa transformação será o resultado de um longo processo de **conscientização voluntária**, não de uma imposição violenta.

Isso, senhoras e senhores, é o oposto de tudo o que Allan Kardec nos ensinou.

O verdadeiro espírita não espera que o Estado o force a ser bom. Ele se esforça, dia após dia, por sua própria reforma íntima, certo de que é pelo exemplo, pela palavra e pela caridade que se transforma o coração humano - e que é transformando coração por coração que se transformará o mundo. Como disse Kardec em sua *Viagem Espírita*:

“Sede bons para com vossos irmãos, sede bons para com o mundo inteiro, sede bons para com vossos inimigos! [...] Fazei esses milagres e Deus vos abençoará.” (Viagem Espírita, p. 43)

Não há espaço, nessa visão, para o ódio de classe, para a revolução violenta ou para a ditadura do proletariado. Há apenas o trabalho silencioso, contínuo e transformador da consciência que, liberta do egoísmo, constrói, pedra por pedra, o reino do bem na Terra. Que cada um escolha o seu caminho. Mas que não chame de Espiritismo aquilo que é a sua negação mais absoluta.

Allan Kardec (Paris, 1865)

“O Espiritismo não criou a renovação social, pois a maturidade da humanidade faz dessa renovação uma necessidade. Por seu poder moralizador, por suas tendências progressivas, pela elevação de seus propósitos, pela generalidade das questões que abraça, o Espiritismo está, mais que todas as outras doutrinas, apto a secundar o movimento regenerador. Por isso que é contemporâneo. Surgiu no momento em que podia ser útil, pois para ele também os tempos são chegados.”
(A Gênese, cap. XVIII, item 23)

Seu relato pode iluminar vidas: Participe da Revista Espírita Semear

Você já viveu uma experiência que foge à explicação comum? Um pressentimento que se confirmou, uma visão, uma aparição, um ato de profunda abnegação ou até mesmo uma manifestação que acreditou ser de origem espiritual? Saiba que a sua vivência pode ser de imenso valor para o estudo e a compreensão da Doutrina Espírita.

Inspirados na metodologia de Allan Kardec, que valorizava a observação e a coleta de fatos para construir o conhecimento, a **Revista Espírita Semear** abre um espaço especial para você. Criamos um canal direto e seguro para a submissão de relatos pessoais, que serão analisados e poderão ser abordados em nossos estudos.

Que tipos de relatos podemos enviar?

O convite é amplo e abrange diversos fenômenos que despertam a curiosidade humana. Se a sua história se encaixa em algum dos tópicos abaixo, não hesite em compartilhá-la:

1. **Manifestações Materiais ou Inteligentes:** Objetos que se movem, sons sem causa aparente, comunicações inteligentes por meio de mesas, psicofonia ou psicografia.
2. **Intuição e Premonição:** Fatos de segunda vista, previsões, pressentimentos.
3. **Poder Oculto:** Relatos sobre o poder atribuído a certas pessoas, seja ele de cura, influência ou outro tipo, com ou sem fundamento.
4. **Visões e Aparições:** Encontros com entes queridos já desencarnados, avistamento de figuras espirituais.
5. **Fenômenos do Morrer:** Experiências psicológicas particulares que

ocorrem no momento da morte de alguém próximo (sensações, coincidências marcantes).

6. **Desafios Morais e Psicológicos:** Problemas que você enfrenta e que gostaria de ver analisados sob a ótica espírita, em busca de entendimento e solução.
7. **Exemplos de Virtude:** Atos notáveis de devotamento e abnegação, cuja propagação possa servir de exemplo útil e inspirador para a comunidade.
8. **Indicações de Obras:** Sugestões de livros antigos ou modernos, nacionais ou estrangeiros, que contenham fatos ou opiniões relevantes sobre a manifestação dos Espíritos e suas relações com os homens.

Por que compartilhar sua história?

A página de submissão reforça um ponto fundamental: **a sua identidade será preservada**. A garantia é clara: *“Não se preocupe, não o divulgaremos a ninguém!”*. O foco está no fenômeno, na lição ou na mensagem, jamais na exposição pessoal.

Ao enviar seu relato, você contribui para:

- **A construção do conhecimento coletivo:** Assim como Kardec analisou centenas de casos para codificar a Doutrina, seus relatos ajudam a identificar padrões e leis universais.
- **O consolo e a fé alheia:** Sua experiência pode ser a chave que faltava para alguém que enfrenta um luto difícil ou uma crise espiritual.
- **O fortalecimento da pesquisa espírita séria:** Damos continuidade ao método de observação e interpretação dos fatos, sem sensacionalismo, mas com a seriedade que o tema exige.

Como enviar seu relato?

O processo é simples, seguro e está disponível no site do **Geo Legado de Allan Kardec**. Basta acessar o link abaixo, preencher o formulário com o seu relato (lembrando de focar na descrição clara e objetiva dos fatos) e enviar.

→ **Link** **para**

submissão: <https://www.geolegadodeallankardec.com.br/submissao-de-relatos-pe-ssoais/>

Não deixe para depois. A sua história, guardada em silêncio por tanto tempo, pode ser a luz que ilumina o entendimento de muitos. Seja um colaborador ativo da Revista Espírita Semear. Envie seu relato hoje mesmo e faça parte desta corrente de estudo e evolução!

Análise da comunicação atribuída a Allan Kardec

A divulgação da chamada “[Comunicação de Kardec](#)” gerou debates dentro do movimento espírita. Entre os questionamentos levantados, um deles chamou atenção: o texto apresentaria sinais de mistificação por conter palavras de incentivo ao grupo e expressões consideradas duras contra a disseminação de erros doutrinários?

A questão exige análise cuidadosa. E, nesse ponto, vale recordar um princípio essencial estabelecido por Allan Kardec: comunicações espirituais não devem ser avaliadas pela impressão emocional que causam, mas pela coerência de suas ideias, pela lógica de seus princípios e por sua consonância com o método espírita.

Curiosamente, muitos dos elementos presentes na comunicação caminham justamente na direção dos critérios metodológicos defendidos pelo próprio Codificador.

O método acima da assinatura

O aspecto mais importante da comunicação talvez não seja a assinatura atribuída ao espírito, mas o conteúdo metodológico da mensagem.

Em vez de estimular aceitação cega ou submissão à autoridade espiritual, o texto

insiste na comparação entre mensagens, no exame racional e na necessidade de confrontar ideias com outros grupos e estudos sérios. Isso se aproxima diretamente do método utilizado por Kardec no processo de elaboração da Doutrina Espírita.

Kardec repetia constantemente que **nenhuma comunicação deveria ser aceita apenas por trazer um nome respeitável**. O verdadeiro controle estaria na universalidade relativa dos ensinamentos, na lógica e na concordância racional entre diferentes observações.

Esse detalhe é fundamental, porque processos de mistificação normalmente se sustentam sobre mecanismos opostos:

- isolamento intelectual;
- autoridade incontestável;
- rejeição ao contraditório;
- estímulo ao personalismo.

A comunicação analisada segue direção diferente. Ela insiste em prudência, humildade, comparação e estudo contínuo.

“Rebata sempre que a lógica do mundo espiritual for contrariada”

Um dos trechos que mais geraram discussão foi a seguinte frase atribuída ao espírito de Kardec:

“Rebata sempre que a lógica do mundo espiritual for contrariada. Esses que disseminam a mentira devem ser combatidos.”

À primeira vista, a linguagem pode parecer dura. Porém, quando analisada à luz das obras da codificação, parte significativa da ideia encontra correspondência direta com recomendações feitas pelos Espíritos superiores.

Kardec sempre sustentou que a razão deve funcionar como critério supremo na análise das comunicações espíritas. Nenhuma mensagem deveria escapar ao

exame lógico e ao bom senso.

Da mesma forma, diversas instruções presentes em *O Livro dos Médiuns* alertam sobre Espíritos pseudo-sábios, sistemas absurdos e mistificações sustentadas por nomes veneráveis. Há inclusive recomendações explícitas para desmascarar erros doutrinários e impedir que falsidades se consolidem sob aparência respeitável.

Nesse sentido, rebater aquilo que contradiz a lógica espírita não apenas seria legítimo, mas compatível com o dever de preservação doutrinária.

O verdadeiro significado de “combater”

A principal questão está no sentido da palavra “combatidos”.

Posteriormente, em nova reunião mediúnica, questionamos aquele que se chama de Espírito Amigo, que esclareceu esse ponto ao grupo. Segundo a explicação apresentada, aquelas palavras foram utilizadas dentro das limitações possíveis da transmissão mediúnica e talvez exigissem maior capacidade de expressão tanto do grupo quanto do médium para encontrar termos mais precisos.

Esse detalhe possui relevância doutrinária.

O próprio Kardec explicava que a linguagem dos Espíritos depende inevitavelmente do instrumento mediúnico utilizado. O pensamento espiritual nem sempre consegue ser traduzido com perfeição para a linguagem humana. Limitações culturais, intelectuais e vocabulares do médium podem influenciar a forma exterior da mensagem.

Assim, o “combate” mencionado não deveria ser entendido como hostilidade contra pessoas, mas como enfrentamento racional de ideias consideradas falsas ou incompatíveis com a lógica espírita.

O próprio Kardec combateu publicamente sistemas que julgava contrários à observação racional dos fatos espíritas. Também respondeu críticas, acusações e interpretações que considerava equivocadas. Contudo, fazia isso no campo argumentativo, sem defender perseguição pessoal ou animosidade moral.

A doutrina espírita fala frequentemente em combate ao materialismo, ao orgulho, ao charlatanismo e ao erro. Porém, esse enfrentamento deveria ocorrer através

do esclarecimento, da lógica e da persuasão — não da intolerância ou da violência verbal.

Existe diferença entre firmeza doutrinária e agressividade pessoal.

Fundo moral e simplicidade da linguagem

Outro aspecto interessante da comunicação é a própria simplicidade da linguagem utilizada.

O texto sugere que o essencial está menos na sofisticação verbal e mais no conteúdo moral e racional transmitido. Isso também encontra correspondência nas observações de Kardec sobre a natureza das comunicações espirituais.

O Codificador explicava que a linguagem dos Espíritos é, em essência, linguagem de pensamento. A forma material das palavras depende das possibilidades do médium e das circunstâncias intelectuais do ambiente. Por isso, a elevação de uma comunicação não deveria ser medida apenas pelo estilo literário, mas principalmente pela profundidade das ideias apresentadas.

Da mesma forma, Kardec alertava que nomes veneráveis podem ser utilizados indevidamente por Espíritos mistificadores. O exame deve sempre recair sobre o conteúdo da mensagem, e não sobre a assinatura que a acompanha.

A continuidade da Revista Espírita

A comunicação também menciona a importância da continuidade dos estudos e das publicações doutrinárias, aproximando-se do papel histórico desempenhado pela *Revista Espírita*.

Durante a vida de Kardec, a Revista funcionou como verdadeiro laboratório experimental da Doutrina Espírita. Era um espaço de observação, comparação e amadurecimento gradual das ideias antes de qualquer consolidação definitiva.

Isso contrasta com certa tendência moderna de substituir a investigação séria por discursos emocionais, simplificações excessivas ou produções sem rigor metodológico algum.

A comunicação analisada demonstra preocupação semelhante ao insistir na

necessidade de vigilância intelectual e estudo contínuo.

A questão dos “elogios”

Outro ponto questionado por alguns leitores foi a presença de palavras de reconhecimento ao grupo, mas aqui existe uma distinção importante: Kardec jamais afirmou que Espíritos superiores fossem incapazes de demonstrar benevolência, gratidão ou encorajamento. O que ele condenava era a adulação sistemática voltada à vaidade pessoal.

Na comunicação analisada, o espírito agradece os esforços realizados e incentiva a continuidade do trabalho. Porém, não apresenta o grupo como infalível, escolhido ou superior aos demais. Pelo contrário: insiste na humildade, no equilíbrio, na prudência e na necessidade de aceitar o contraditório.

Esse detalhe altera completamente a interpretação da mensagem.

Mistificações normalmente procuram exaltar o ego dos participantes, estimular sentimento de missão exclusiva ou criar dependência psicológica em torno de determinada autoridade espiritual. O texto em questão não segue esse padrão.

O verdadeiro critério contra a mistificação

No fim, a análise de qualquer comunicação espírita não pode depender apenas de simpatia pessoal nem de rejeição automática.

O próprio Kardec propunha critérios muito mais rigorosos:

- coerência lógica;
- concordância com princípios já estabelecidos;
- ausência de orgulho e personalismo;
- elevação moral;
- submissão ao exame racional;
- universalidade relativa dos ensinamentos.

Sob esse prisma, o aspecto mais relevante da “Comunicação de Kardec” não é a assinatura espiritual atribuída ao texto, mas o fato de a mensagem insistir

exatamente nos mecanismos que Kardec considerava indispensáveis para evitar o erro: comparação, estudo, prudência, humildade e defesa racional da verdade.